"UMA ESTREIA SURPREENDENTE, UMA OBRA-PRIMA." *The Guardian* 

# FANTASIAA ROGERIA

intrinseca

### **FANTASMA**

## FANTASMA ROGER HOBBS

Tradução de Alexandre Raposo



#### Copyright © 2013 Roger Hobbs

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates Inc.

TÍTULO ORIGINAL Ghostman

PREPARAÇÃO Natalia Klussmann

revisão Suelen Lopes

DIAGRAMAÇÃO Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H598g

Hobbs, Roger Ghostman / Roger Hobbs ; tradução Alexandre Raposo. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014. 336 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Ghostman ISBN 978-85-8057-550-7

1. Romance americano. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

14-12018 CDD: 823

CDU: 821.111(73)-3

#### [2014]

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3° andar 22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

#### PRÓLOGO

#### ATLANTIC CITY, NOVA JERSEY

Hector Moreno e Jerome Ribbons estavam sentados no carro, no andar térreo da garagem do Atlantic Regency Hotel Casino, inalando cristais de metanfetamina com uma nota de cinco dólares enrolada, um isqueiro e um pedaço amassado de papel-alumínio. Tinham trinta minutos.

Há três boas maneiras de se roubar um cassino. A primeira é pela porta da frente. Funcionava na década de 1980, mas agora não mais. Assim como em um banco, alguns sujeitos mascarados poderiam entrar portando armas de fogo e as apontariam para a bonitinha atrás das grades. Ela começaria a chorar e a implorar por sua vida, enquanto o gerente entregaria os maços de dinheiro da gaveta. Os bandidos sairiam pela porta da frente e iriam embora, porque o bom senso dizia que um tiroteio custaria mais ao cassino do que qualquer coisa que você conseguisse levar dos guichês. Mas os tempos mudaram. Agora as caixas são treinadas para isso. A segurança é mais agressiva. Assim que o alarme silencioso é acionado, e sempre é acionado, homens armados começam a aparecer. Eles ainda esperam que você saia, mas, assim que atravessar a porta, haverá quarenta deles aguardando com fuzis AR-15 e escopetas para abatê-lo. Nenhum atraso de dois minutos como antigamente.

A segunda maneira é ir atrás das fichas. Desça de elevador das suítes, caminhe até a mesa com as apostas mais altas, saque sua arma e dê um tiro na roleta. Todo mundo corre ao ouvir o som do tiro, especialmente o crupiê. Os ricos não são corajosos, e os funcionários, menos ainda. Assim que eles tiverem se espalhado, pegue um saco e recolha todas as fichas. Dispare mais duas balas para o alto, a fim de que saibam que você está falando sério, então saia correndo, como se o diabo estivesse atrás de você. Parece tolo, mas funciona. Você não mexerá com os guichês, portanto o tempo de resposta não será tão rápido. A segurança não estará esperando do lado de fora, como aconteceria no primeiro caso. Você pode até chegar ao estacionamento e, dali, à estrada. Você ainda terá o problema do que fazer com as fichas. Se conseguir uma quantidade suficiente, digamos, um milhão ou mais, o cassino vai trocar todas as fichas do andar por novas, com um design diferente, e você acabará com um saco repleto de pedaços de argila inúteis. Pior ainda, a tecnologia está tornando essa jogada obsoleta. Alguns cassinos estão acrescentando microchips para fins de contabilidade e poderão rastrear as que você levou. Em seis horas, você será procurado de Vegas a Mônaco, e suas fichas serão tão sem valor quanto você. E se, de algum modo, nenhuma dessas duas coisas acontecer, o melhor que se pode esperar é tentar vendê-las no mercado negro. Mas, se o fizer, terá de vendê-las pela metade, ou menos, do valor indicado, porque ninguém quer se meter nessa a menos que possa dobrar o dinheiro investido. O principal, porém, é que as fichas não o levarão a lugar algum.

Finalmente, a terceira maneira de assaltar um cassino é roubar o dinheiro enquanto ele está em trânsito. Assaltar um dos carros-fortes. Os cassinos transportam um monte de dinheiro. Até mais do que os bancos. Veja bem, a maioria não mantém grandes estoques de notas de cem trancafiadas, como vemos nos filmes. Há pequenos guichês com dinheiro espalhados por todo o cassino e cofres não tão grandes com centenas de milhões de dólares amontoados. E, em vez de manterem essas pilhas de dinheiro por perto, fazem o que faz qualquer instituição de tal porte: quando têm muito dinheiro, eles o enviam para o banco em um carro-forte. Quando não têm dinheiro suficiente, o banco faz o envio. Duas ou três entregas por dia, ao todo.

FANTASMA 7

No entanto, assaltar um carro-forte não é realmente viável. Os mais modernos são como tanques de guerra repletos de dinheiro. Atacar o banco de onde o dinheiro está vindo também não é uma opção porque os bancos têm ainda mais segurança do que os cassinos. O segredo é agir no meio da transação, enquanto os caras estão carregando ou descarregando o dinheiro do carro-forte. Eles chegam a facilitar as coisas para você. A maioria dos cassinos não tem garagem especial para carros-fortes; não é muito prático. Em vez disso, os carros estacionam ao lado de uma das entradas laterais ou dos fundos, uma entrada diferente a cada vez. Os guardas abrem a porta traseira do veículo e, em seguida, transportam o dinheiro através das portas de vidro. Este é o momento de ouro do assaltante profissional. Durante sessenta segundos, algumas vezes ao dia, mais dinheiro do que alguns sujeitos poderiam roubar de meia dúzia de bancos muda de mãos lá fora, a céu aberto, bem na frente de todos. Tudo o que uma equipe de assaltantes profissionais precisa fazer é contar com dois ou três homens armados e com o cabelo cortado bem curto e, em seguida, ir embora de carro antes de a polícia aparecer. Fácil assim. Claro, você precisa saber quando as entregas ocorrerão, quanto dinheiro estará envolvido e qual entrada os caminhões utilizarão, mas esses detalhes não são impossíveis de se obter. Conseguir a informação é a parte mais fácil. Fugir é o mais difícil. Se você conseguir pegar o dinheiro e desaparecer em dois minutos, estará rico.

Jerome Ribbons olhou para seu Rolex de ouro. Eram cinco e meia da manhã.

A primeira entrega seria dali a meia hora.

Planejar um assalto a um cassino leva meses. Felizmente para eles, Ribbons já fizera esse tipo de coisa. Ele tinha sido preso duas vezes no norte da Filadélfia. Não se trata de um item atraente para o currículo, mesmo para o tipo de sujeito que faz trabalhos assim, mas isso significava que ele tinha motivos para não ser pego. Sua pele era cor de carvão, e ele tinha tatuagens azuis que fizera em Rockview Pen e que despontavam de suas roupas em ângulos estranhos. Cumprira cinco anos por sua participação em um assalto à mão armada a um Citibank em Northern Liberties, na década de 1990, mas nunca cumprira pena pelos quatro ou cinco trabalhos dos quais participara desde que saiu de lá. Era um sujeito grandalhão.

Tinha ao menos 1,93m e pesava mais do que o suficiente para corresponder à sua altura. Pneus de gordura derramavam-se por sobre o cinto, e seu rosto era tão redondo e macio quanto o de uma criança. Podia erguer duzentos quilos em um bom dia e trezentos após cheirar algumas carreiras de cocaína. Ele era bom nisso, não importava o que dizia sua ficha criminal.

Hector Moreno fazia mais o tipo soldado. Media 1,68m, tinha um quarto do peso de Ribbons, cabelo tão curto quanto a grama do deserto e ossos que despontavam através de sua pele cor de café. Fora um bom atirador em seus tempos de serviço militar e não piscava, exceto quando se sobressaltava. Sua ficha indicava uma dispensa desonrosa, mas nenhuma prisão. Ele voltou para casa e passou um ano cortando carne em Boston e outro extorquindo dinheiro de traficantes em Las Vegas em troca de proteção. Este era seu primeiro grande trabalho e, por isso, estava nervoso. Ele tinha uma farmácia inteira no Dodge, apenas para ficar ligado. Pílulas, líquidos, pós e fumos. Queria afastar o nervosismo com um punhado de estimulantes. Nunca havia drogas suficientes para ele. Tinham revisado o plano diversas vezes para estarem prontos na hora, mas Moreno precisava de mais do que isso. Ele inalou uma grande quantidade de metanfetamina com uma fungada. Seus olhos se encheram d'água. Um amigo preparara a droga em um trailer a oeste de Schuylkill. Era uma Strawberry Quick de baixa qualidade, mas ele não se importava. Queria se acalmar e se concentrar, não ficar doidão de pó de metanfetamina e solvente de tinta antes do evento principal.

Ribbons olhou para o relógio outra vez. Vinte e quatro minutos.

Nenhum dos dois falou. Não era necessário.

Moreno pegou um maço de cigarros do bolso, acendeu um e então passou a folha de papel-alumínio para Ribbons. Ele deixou escapar duas baforadas em rápida sucessão.

Primeiro, Ribbons anestesiou a boca com um gole de uísque. Inalar metanfetamina é uma experiência quente e amarga. Ele levou um tempo tentando segurar a gota, que corria pela folha de papel-alumínio, entre seus dedos calejados. Não era a primeira vez que percorria aquela estrada. A metanfetamina o fazia se sentir bem, embora a sensação não chegasse nem perto da onda que sentia quando estava mascarado e com uma arma em punho. Ele gostava de estar bem no meio daquilo.

Moreno o observou, deu uma tragada em seu cigarro e bebeu alguns goles do frasco de xarope para tosse. Seu coração disparou. Muita gente em sua antiga vizinhança teria pagado caro por aquele nível superior de onda, mas nenhum deles tomava mais xarope para tosse. Apenas ele. Faz você ver coisas como se estivesse a ponto de morrer de febre alta. Você vê Deus esperando-o no fim do túnel. Ninguém nunca lhe contara sobre a respiração difícil interminável, o coração disparado ou as alucinações que ele teria quando o DXM entrasse em sua corrente sanguínea como uma bola oito de cetamina. Ele ouvia o rádio e esperava.

Moreno jogou o cigarro pela janela e disse:

- Já escolheu a sua casa?
- Sim. Azul vitoriano. Belo lugar junto ao mar. Virgínia.
- O que disse a dona?
- Este é um mercado que tem mais vendedores do que compradores. Nosso negócio não será um problema.

Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo, ouvindo no rádio o relatório do tráfego matinal. De qualquer modo, não havia muito o que dizer, nada que não tivessem dito milhares de vezes enquanto bebiam xícaras de café diante de plantas heliográficas e telas brilhantes de computador. Não havia mais nada a fazer senão ouvir o relatório do tráfego.

Tinham planejado aquele trabalho com muita antecedência, embora talvez seja errado dizer que planejaram algo. O sujeito que tivera a ideia estava a cinco mil quilômetros a oeste, sentado diante de seu telefone em Seattle, esperando a hora de fazer uma chamada. Ele era o cabeça. A maioria dos assaltos são operações de lobos solitários que nunca dão certo. Alguns viciados tentam assaltar um banco e acabam presos pelo resto da vida. Um trabalho com um cérebro do crime não é assim. É o tipo de trabalho que você vê uma única vez no noticiário noturno e nunca mais ouve falar a respeito. O tipo que dá certo e continua certo. É um trabalho com planos, sincronia e encerramento rigorosos — um assalto cerebral do princípio ao fim. O homem com o plano sabia de tudo e dava todas as ordens. Ribbons e Moreno não gostavam de dizer o nome dele. Ninguém gostava.

Dava azar.

Contudo, Moreno e Ribbons não eram idiotas. Conheciam os padrões das câmeras de segurança. Conheciam o carro-forte por dentro e

por fora. Sabiam os nomes dos motoristas, dos gerentes do cassino, seus hábitos, suas fichas corridas, seus números de telefone, suas namoradas. Eles sabiam coisas que nem mesmo precisavam saber, porque fazia parte do processo. Havia um milhão de coisas que poderiam dar errado. A ideia era controlar o caos, não entrar nele. Agora tudo se restringia ao relatório do tráfego.

Depois de vinte minutos, o telefone de Ribbons tocou. Um trinado agudo, que se repetiu duas vezes. Um toque específico para um número específico. Ele não precisava atender. Os dois sabiam o que significava. Ambos trocaram olhares. Ribbons mandou a chamada para o correio de voz, guardou as drogas no porta-luvas e olhou para o relógio uma terceira e última vez. Dois minutos para as seis da manhã.

A contagem regressiva de dois minutos começara.

Ribbons tirou uma balaclava de fibra de algodão do porta-luvas. Colocou a máscara de esqui e ajustou-a até o tecido ficar confortável em seu rosto. Lentamente, Moreno fez o mesmo. Ribbons conectou os fios sob o console e ligou o motor. No assoalho havia um colete de assalto tático KDH com placas balísticas de nível quatro projetadas para deter balas de rifles de assalto a quinze metros de distância. Ribbons precisava usar um daqueles. Ele era o homem de ponta. Por dentro, seu estômago se revirou. Sob um cobertor no banco traseiro, havia um rifle de caça Remington Modelo 700 carregado com cinco cartuchos, equipado com uma mira laser e modificado com um silenciador Thundertrap AWC de oito polegadas e meia: a arma de Moreno. Próximo a ele havia um Kalashnikov Tipo 56 totalmente automático, com três pentes, cada um com trinta cartuchos de caça de 8g com camisas metálicas. Ribbons pegou o AK, introduziu um pente no receptor, puxou o ferrolho, voltou-se para Moreno e perguntou:

- Você está tão pronto quanto eu?
- Estou pronto.

Mais uma vez, ficaram em silêncio. As luzes da garagem piscaram, então se apagaram: não havia necessidade de luzes após o nascer do sol. O Dodge Spirit deles estava coberto de manchas de ferrugem marrom. Bem à frente dos dois, à vista do outro lado da rua, ficava a entrada lateral do cassino onde pararia o carro-forte. O traçado da chuva no para-brisa parecia um caleidoscópio aos olhos de Ribbons.

Noventa segundos antes da chegada do carro-forte, Moreno saiu do Dodge e assumiu sua posição de frente para a rua, atrás de uma barreira de trânsito. O ar salgado corroera o concreto até os vergalhões de aço. Ele olhou para as câmeras de segurança. Estavam voltadas para o outro lado. Perfeita sincronia. A segurança do cassino era rigorosa a ponto de manter câmeras no estacionamento, mas não o bastante. Moreno mapeara os pontos cegos das câmeras e testara-os semanas antes. Ninguém realmente se importa com o que acontece em um estacionamento às seis da manhã. Moreno firmou o cano de seu rifle sobre o bloco de concreto. Abriu a tampa da lente da mira, puxou o ferrolho e engatilhou o primeiro tiro.

Então Ribbons avançou. Ele correu enquanto as câmeras ainda estavam afastadas e se escondeu atrás da coluna mais próxima, em outro ponto cego. Passou a respirar de maneira rápida e profunda, a fim de relaxar e se preparar para correr. O Kalashnikov que mantinha junto ao peito parecia minúsculo em suas mãos enormes. Ele começou a se sentir nauseado. Aquele antigo e familiar calafrio penetrou em seu estômago, como sempre acontecia. Nervosismo. Não tão ruim quanto o nervosismo de Moreno, pensou, mas ainda ali, o tempo todo.

Sessenta segundos.

Ribbons contava os segundos em sua cabeça. A sincronia era muito importante. Tinham ordens estritas de não se moverem até o momento exato. O suor fez com que o interior de suas luvas ficasse escorregadio. É mais difícil atirar com precisão calçando luvas de látex, mas ele também tinha ordens de usá-las até o fim do dia. Atrás da coluna, ficou tão imóvel quanto um Buda, apesar de a coluna ser estreita demais para ele. Ribbons não tinha sequer espaço suficiente para afastar a manga do casaco e olhar o relógio. Em vez disso, concentrou-se na respiração: inspirar e expirar, inspirar e expirar. Os segundos passavam em sua cabeça. Gotas d'água caíam da marquise de concreto.

Exatamente às seis da manhã, o carro-forte da Atlantic Armored cruzou o sinal verde na esquina e entrou na rua. Tanto o motorista quanto o guarda usavam uniformes marrons. O carro-forte tinha três metros de altura e pesava cerca de três toneladas. Era branco, com o logotipo da Atlantic Armored pintado em ambos os lados. O veículo entrou na área de carga do cassino e avançou devagar até parar sob o car-

taz do Regency. Ribbons mal conseguia ouvir outra coisa além do som de sua respiração acelerada.

Carros-fortes nunca são fáceis. São máquinas intimidadoras. Não apenas pelos motivos óbvios, como os dez centímetros de blindagem à prova de bala testada pelo NIJ, o instituto nacional de justiça, ou os pneus reforçados com quarenta camadas de Kevlar da DuPont, ou as janelas feitas com um tipo transparente de policarbonato capaz de deter um pente de balas de dez milímetros que conseguiriam atravessar armaduras. Não, tudo isso é óbvio. O mais perigoso a respeito de um carro-forte envolve o que há em seu interior. Os guardas, por exemplo, são homens treinados, que portam armas de fogo. O interior do carro tem câmeras que registram tudo o que acontece lá dentro. Há dezesseis janelas de tiro, portanto os que estão do lado de dentro podem atirar nos que estão do lado de fora. Além disso, há placas magnéticas nos cofres. Se o valor é retirado da placa, um cronômetro começa a funcionar. Se o tempo se esgota, pequenas cápsulas de tinta explodem dentro do pacote e arruínam o dinheiro. Mas, para o cabeça e uma equipe com um plano, todas essas características preocupantes são superáveis. Sempre há um ponto fraco. Nesse caso, havia dois. O primeiro era evidente: nada permanece dentro de um carro-forte para sempre. Espere os caras saírem e toda a blindagem, as câmeras e as placas magnéticas não significarão mais nada. Entretanto, o segundo ponto fraco requer um pouco mais de reflexão. O segundo exige muito mais crueldade.

Mate os guardas, e o dinheiro pode ser seu.

Havia dois deles, ambos na cabine dianteira. Um motorista e um operador de dinheiro, com dois anos de experiência entre eles — ou assim revelou a pesquisa que fizera. Um deles tinha família, o outro, não. Assim que o caminhão parou, os dois saíram. Logo que eles fecharam as portas, um sujeito vestindo um terno preto barato passou pela entrada do cassino para recebê-los. Estava ficando careca e usava um crachá na lapela. Era o gerente do cofre do cassino. Quarenta e poucos anos, a ficha mais limpa que um sujeito poderia ter. Nem mesmo uma multa por estacionamento em local proibido. Ele tirou uma chave do bolso e entregou-a para o operador de dinheiro. Claro que, mesmo com a ficha limpa, ele nunca fora admitido no interior do carro-forte. Nenhuma

FANTASMA 13

vez em dez anos. Os uniformizados tirariam o dinheiro, e ele o levaria à gaiola. O gerente esperou na calçada e esfregou as mãos.

Trinta segundos.

O motorista retirou outra chave do cinto e entregou-a para o operador, que abriu a tranca na traseira do carro-forte e entrou. Lá dentro havia um cofre com placa magnética embutido na parede lateral do veículo, coberto com uma camada extra de blindagem de cerâmica à prova de balas. A chave do operador de dinheiro se encaixava em uma das trancas, e a chave do gerente do cofre, na outra. Ninguém jamais roubara um carro-forte da Atlantic Armored. Seus servicos eram topo de linha, cortesia de banqueiros paranoicos e contas de serviço de hotel que valiam incontáveis vezes mais do que toda uma frota de carros--fortes. Segurança era um negócio importante naquela cidade. O item em questão era um bloco de doze quilos de notas de cem dólares embaladas a vácuo e no novo estilo: com brilhantes faixas de segurança de metal atravessadas no meio. O bloco era subdividido em maços de notas de cem chamados de tiras, devido à tira de papel cor de mostarda que envolvia cada maço para facilitar a contagem. Cada tira valia dez mil dólares. Havia cento e vinte e duas tiras no bloco de doze quilos, ou um milhão e duzentos e vinte mil dólares, comprimidos no tamanho de uma mala grande. O operador tirou o dinheiro da placa magnética. Havia uma bolsa de Kevlar azul na gaveta do lado oposto. Ele acomodou o monte de dinheiro na bolsa e pousou-a sobre um pequeno carrinho de transporte que estava pendurado à parede. Em seguida, tirou um par de óculos escuros do bolso e empurrou o carrinho até a calçada. O volume era grande e desajeitado, de modo que teve dificuldade para manobrá-lo.

Dez segundos.

Assim que o operador saiu do carro-forte, o motorista sacou do coldre uma Glock 19 e a manteve abaixada junto ao quadril, que era o procedimento-padrão para uma entrega como aquela. O sujeito parecia entediado. Era a sua primeira entrega do dia e haveria mais dez, indo e voltando de diversos cassinos em diferentes momentos de seu turno. Ele ajustou a arma na mão e manteve o dedo fora do gatilho. O operador trancou o caminhão e devolveu a chave do cassino para o gerente do cofre, que a atou ao cinto. O motorista esquadrinhou a garagem e

então voltou-se, deu dois passos em direção às portas do cassino e gesticulou para que os outros dois seguissem com o dinheiro.

Tempo esgotado. Ribbons deu o sinal.

O rifle de Moreno escoiceou suavemente em seus braços. O tiro não foi silencioso, mas abafado, como uma pistola de pregos disparando de perto. A bala atingiu a cabeça do motorista logo atrás da orelha, abaixo da linha do cabelo. O projétil atravessou a cabeça e saiu pelo nariz. Sangue e massa encefálica tingiram a calçada. Moreno nem esperou o corpo cair. Àquela distância, ele sabia aonde iriam as balas. Puxou o ferrolho, e o cartucho saltou. Levou apenas uma fração de segundo para que ele mudasse de alvo, como se tivesse feito aquilo a vida inteira. O gerente do cofre estava mais perto, de modo que seria o próximo. A bala atingiu-o no esterno e atravessou-lhe o coração. O terceiro alvo já estava em movimento.

O operador de dinheiro jogou-se em direção ao carro-forte. O sujeito tropeçou na calçada, caiu no chão e sacou a Glock do coldre. Moreno acompanhou-o com a mira telescópica. Apontou e puxou o gatilho. Errou por trinta centímetros. O guarda se arrastou para buscar abrigo. Moreno fez um sinal para Ribbons. Não tinha como acertar um tiro daquele ângulo.

Ribbons saiu de seu ponto cego e levou a Kalashnikov ao ombro. Disparou sem parar, em modo automático. Os tiros romperam o silêncio da manhã como uma britadeira no meio da noite. As portas de vidro do cassino se partiram quando o cano de sua arma cuspiu uma longa rajada de trinta tiros. Ele lançava mão da quantidade para derrubar o terceiro homem. A maioria das balas errou o alvo, exceto uma. A bala atingiu o operador na coluna vertebral, abaixo do coração. Ele rodopiou no chão ao ser ferido. Dentro do cassino, as pessoas começaram a gritar.

Ribbons pulou a barreira de concreto entre a garagem e a rua e correu em direção ao carro-forte. Deixou cair o pente de balas, pegou outro e carregou a arma. Não havia tráfego em ambas as direções. Era muito cedo para isso. Empunhava o rifle com uma das mãos, para o caso de alguém sair do cassino e tentar pegar o dinheiro primeiro. Ele se abaixou, sem tirar os olhos das portas, e usou a mão livre para desengatar a bolsa, que estava presa ao carrinho por grandes fivelas de náilon. No entanto, Ribbons não havia considerado quão difícil seria abri-las com apenas

uma das mãos, coberta por uma luva de látex, um quarto de grama de metanfetamina e no calor de julho. Sua mão estava trêmula.

Moreno observou a rua através de sua mira telescópica. Vamos lá, vamos lá, vamos lá.

Então, o alarme disparou.

Era uma buzina muito alta, com luzes piscando dentro do saguão, para anunciar incêndios e terremotos. Ribbons vacilou, então descarregou uma rajada através das portas para desencorajar a saída de qualquer pessoa. O coice do rifle forçou seu braço para cima, e as balas atingiram algumas janelas da torre do hotel do cassino, arrancando o *R* no letreiro de neon do Regency. Os cartuchos metálicos eram ejetados e tilintavam na calçada. Ele gritou. O coice da arma quase quebrara sua mão. Quando Ribbons retomou o controle do Kalashnikov, chutou a bolsa em direção ao chão, frustrado. Dane-se. Ele apontou a arma para a última fivela de náilon e a estourou.

A poucos metros dali, caído de costas, o operador de dinheiro balbuciava. Seus olhos acompanhavam Ribbons. O sangue espumava de sua boca e se acumulava ao redor de seu rosto como uma auréola. Ribbons pegou a bolsa pela alça quebrada e pendurou-a por sobre o ombro. Quando passou pelo guarda moribundo, olhou para ele, baixou o rifle e disparou uma rajada de balas em sua cabeça.

As sirenes da polícia eram audíveis ao longe, dirigindo-se para o local do tiroteio. Pelo som, estavam a uns oito quarteirões de distância. Tempo de resposta de trinta segundos iniciando agora. Ribbons correu o mais rápido que pôde de volta à garagem. Estava tremendo, apesar do punhado de barbitúricos que havia engolido. Seus olhos estavam tão assustadores quantos os de um guerreiro selvagem. Ainda não havia tráfego. A corrida foi fácil.

Moreno estendeu-lhe a palma da mão. Corra mais rápido, seu gordo babaca.

Quando estavam ao alcance da voz, Ribbons gritou:

— Policiais vindo do norte. Abra o maldito carro, vamos!

Estavam a menos de seis metros um do outro. Agora as câmeras não importavam. A segurança não poderia identificá-los com aquele tipo de máscara. Eles correram de volta ao carro de fuga. Ribbons pulou a barreira de concreto, e Moreno abriu para ele a porta do passageiro.

Moreno dirigiria. O trabalho levara menos de meio minuto. Vinte e seis segundos de acordo com o Rolex de Ribbons. Era fácil assim: ir até lá, pegar o dinheiro e fugir. Moreno tinha um sorriso idiota estampado no rosto. Ele achava que tudo seria perfeito. Mas nenhum assalto está livre de falhas. Há sempre um problema.

Como o sujeito sentado no carro do outro lado da garagem, observando-os através da mira telescópica de um rifle.

Para Ribbons, o que aconteceu em seguida não passou de um borrão. Em um instante, ele estava entrando no carro e, no seguinte, ouviu o tiro e viu Moreno ser atingido. Ergueu-se uma névoa rosada. Pedaços de massa encefálica e crânio atingiram Ribbons em cheio, como estilhaços de uma granada. Ele não teve tempo para pensar. Ergueu o Kalashnikov e atirou cegamente na direção do estampido. Viu o clarão dos disparos vindos de um dos carros atrás dele, mas Ribbons ficou sem balas antes de poder alvejá-lo. Ele saiu do Dodge, jogou fora o pente de balas e carregou outro. Nem mesmo levara o rifle ao ombro quando uma bala atravessou o para-brisa. Ribbons apontou para os clarões e revidou. O tiro seguinte veio certeiro em sua direção. Ele deu a volta no carro, rastejando para o assento do motorista, disparando rápidas rajadas. Uma bala acertou-o no ombro, atingindo uma placa de cerâmica. Foi um impacto poderoso que o fez rodar e cambalear, mas ele mal o sentiu. Recuperou-se e continuou a disparar. Outro tiro atingiu-o no peito, acima da barriga. O impacto pareceu-lhe uma ferroada forte, imediata. Ribbons gritou. Estava sem balas.

Ele amaldiçoou e jogou fora o rifle descarregado. Então, sacou uma Colt 1911 da cintura e disparou a arma com uma das mãos, o braço estendido, nenhum alvo à vista. A droga da máscara deslizara para cima de um de seus olhos. Ele atirou em rápidas séries de dois tiros, para garantir cobertura. Um disparo do rifle atingiu o pilar atrás dele e ergueu uma tempestade de concreto e gesso pulverizado. Com a mão livre, empurrou o corpo de Moreno para fora do assento do motorista. Havia massa encefálica esparramada por todo o painel. Outro tiro atingiu o porta-malas do Dodge. Ribbons pôde ouvir a bala chocar-se contra o chassi. O carro ainda estava ligado. Engatou a ré. Nem se preocupou em fechar a porta, que ficou aberta até ele estar no meio da curva e a porta se fechar com o impulso. Ele se inclinou sobre o assento e atirou

FANTASMA 17

pela janela traseira. Então, a uns trinta centímetros de sua cabeça, o espelho explodiu. *Dirija, seu idiota*.

Ribbons pisou fundo. O Dodge acelerou com tanta rapidez que raspou na fileira de carros que estava atrás, erguendo uma chuva de faíscas. Com a visão ofuscada pela máscara e pelo sangue, Ribbons engatou a marcha e desceu a ladeira em direção à entrada da garagem. Não havia nenhum atendente na cabine tão cedo pela manhã, o que era bom porque Ribbons não conseguia ver para onde estava indo. O Dodge passou pela máquina de tíquetes, quebrando-a, bateu na cabine e derrapou ao entrar na Pacific Avenue. O carro atravessou um sinal vermelho e perdeu o controle na contramão, em direção à Park Place, onde Ribbons se escondeu atrás do volante e pisou fundo no acelerador. Os aros de seus pneus espalhavam faíscas pelo asfalto. Ele podia ouvir os policiais circulando ao longe, entrando em Código 3 com as sirenes ligadas. Distantes apenas alguns quarteirões agora, mas perto o bastante para serem um problema. Quando tirou a máscara, gotas de suor pingaram sobre o painel. Ele olhou para trás. Nada ainda em seu para-brisa traseiro. Atravessou os amplos bulevares de Atlantic City, ainda pisando fundo. Moreno, o piloto, planejara a rota de fuga com cuidado. Seu plano fora completamente para o espaço em míseros dez segundos.

Ribbons girou o volante, cantou pneus por um estacionamento e entrou em um beco.

Em menos de dez minutos, a marca e o modelo de seu carro seriam divulgados para cada viatura e policial estadual em um raio de oitenta quilômetros. Ele tinha que esconder o carro, o dinheiro e a si mesmo antes que a polícia o alcançasse. Mas, primeiro, precisava abrir distância. Somente ao entrar na Martin Luther King Boulevard foi que sentiu o sangue encharcando a roupa sob o colete à prova de balas. Ele tocou o ferimento no peito. A bala atravessara. Embora o colete a tivesse abrandado e deformado, ela ainda assim atravessara vinte e sete camadas de Kevlar e o ferira. Não estava doendo, exatamente. Devia agradecer à metanfetamina de Moreno e a uma seringa de heroína por isso. Mas estava sangrando muito. Precisaria lavar e proteger o ferimento se quisesse continuar vivo. O tratamento adequado teria que esperar até mais tarde. Teria que esperar.

O celular tocou novamente. Aquele toque especial. A pessoa que estava ligando tinha pouca tolerância para atrasos, menos ainda para a incompetência e nenhuma para o fracasso. A reputação do sujeito se baseava naquele tipo de medo totalizador que intimidava agentes federais e mantinha assassinos e estupradores tão obedientes quanto crianças em idade escolar. Seus planos eram precisos, e ele esperava que fossem seguidos à risca. Fracassos não eram sequer discutidos. Ninguém que Ribbons conhecesse fracassara anteriormente. Ao menos, alguém que ainda estivesse vivo para contar a história.

Ribbons olhou para o celular, que estava sob o banco da frente e, em seguida, recusou a chamada com o polegar.

Ele tentou se concentrar na rota de fuga, mas tudo o que conseguia pensar era em sua pequena casa azul à beira-mar. Através da névoa das drogas, ele praticamente podia perceber o aroma da antiga casa vitoriana e sentir sua pintura lascada na ponta dos dedos. Sua primeira casa. Ele manteve tal imagem em mente, como um cobertor de segurança em torno da dor da bala alojada no peito. Ele conseguiria. Tinha que conseguir. Tinha que conseguir.

Seis da manhã e dois malditos minutos.

Seis da manhã e dois malditos minutos, e a polícia já estava com força total, varrendo as ruas atrás dele. Seis da manhã e dois malditos minutos, e a palavra "assalto" já era proferida pela polícia rodoviária e pelo FBI. Quatro pessoas estavam mortas. Mais de um milhão de dólares roubados. Mais de uma centena de cápsulas de bala na calçada. Aquele assalto ganharia as manchetes.

Seis da manhã e dois malditos minutos, e a polícia já havia acordado os detetives.

Demorou mais duas horas até alguém me acordar.

1

#### SEATTLE, WASHINGTON

O som estridente e agudo de um e-mail recebido soou como um sino tocando em minha cabeça. Acordei sobressaltado e imediatamente levei a mão à arma. Respirei, ofegante, enquanto meus olhos se ajustavam à luz que emanava dos monitores das câmeras de segurança. Olhei para o peitoril da janela onde eu havia deixado meu relógio. O céu ainda estava tão negro quanto tinta.

Peguei a arma debaixo do travesseiro e apoiei-a sobre a mesa de cabeceira. Respirei.

Quando me recompus, olhei para os monitores. Não havia ninguém no corredor ou no elevador. Ninguém nas escadas ou no saguão. A única pessoa acordada era o vigia noturno, que parecia demasiado absorto em um livro para perceber qualquer coisa. Meu prédio era um velho edifício de dez andares, e eu estava no oitavo. Era uma espécie de lugar sazonal, de modo que só havia ocupantes permanentes em cerca de metade dos aposentos, e nenhum deles jamais se levantava cedo. Todo mundo ainda estava dormindo, ou longe dali, desfrutando o verão.

Meu computador soou outra vez.

Fui assaltante à mão armada por quase vinte anos. A paranoia faz parte do trabalho, assim como a pilha de passaportes falsos e as notas de

cem dólares sob a gaveta da cômoda. Ingressei nesse negócio na adolescência. Assaltei alguns bancos porque achei que gostaria da emoção. Eu não era o mais sortudo e provavelmente não sou o mais esperto, mas nunca fui pego, interrogado ou tive as minhas impressões digitais tiradas. Sou muito bom no que faço. Sobrevivi porque sou extremamente cuidadoso. Moro sozinho, durmo sozinho, como sozinho. Não confio em ninguém.

Há talvez trinta pessoas no mundo que sabem que eu existo, e não tenho certeza se todas acreditam que eu ainda esteja vivo. Por necessidade, sou uma pessoa muito reservada. Não tenho número de telefone e não recebo cartas. Não tenho conta bancária nem dívidas. Pago tudo em dinheiro, quando possível, e, quando não é, uso uma série de cartões corporativos pretos da Visa, cada um deles vinculado a uma empresa diferente no exterior. A única maneira de entrar em contato comigo é enviando um e-mail, embora isso não signifique que eu vá responder. Altero meu endereço eletrônico sempre que me mudo para uma cidade diferente. Quando começo a receber mensagens de pessoas que não conheço, ou se as mensagens deixam de conter informações importantes, ponho o disco rígido no micro-ondas, enfio as minhas coisas em uma bolsa de mão e começo tudo de novo.

O computador soou novamente.

Corri os dedos pelo rosto e peguei o laptop na escrivaninha ao lado da cama. Havia uma nova mensagem em minha caixa de entrada. Todos os meus e-mails são redirecionados por meio de diversos serviços de encaminhamento anônimo antes de chegarem a mim. Os dados passam por servidores na Islândia, na Noruega, na Suécia e na Tailândia, antes de serem divididos e enviados para contas em todo o mundo. Qualquer um que esteja rastreando o IP não saberá qual é o verdadeiro. Aquele e-mail chegara em meu primeiro endereço no exterior, em Reykjavik, havia cerca de dois minutos, onde fora criptografado pelo servidor com a minha chave particular de mensagem cifrada de 128 bits. Dali, foi encaminhado para outro endereço registrado sob um nome diferente. Então, outro endereço, depois outro. Oslo, Estocolmo, Bangkok, Caracas, São Paulo. A mensagem foi encadeada dez vezes, com uma cópia em cada caixa de entrada. Cidade do Cabo, Londres, Nova York, Los Angeles, Tóquio. Agora estava indetectável, não rastreável, particular e

anônima. A informação circulara o mundo quase duas vezes antes de chegar a mim. Estava em todas aquelas caixas de entrada, mas a minha chave de mensagem cifrada só podia desbloquear uma única cópia. Digitei meu código de acesso e esperei a mensagem ser decifrada. Eu podia ouvir o disco rígido rodando e a CPU começando a funcionar. Cinco da manhã.

Lá fora, o céu estava vazio, exceto por algumas luzes acesas nos arranha-céus, que pareciam constelações enevoadas. Nunca gostei de julho. No lugar de onde vim, o verão inteiro é insuportavelmente quente. Os monitores de segurança entraram em pane por alguns segundos na noite anterior, e eu tive de passar duas horas verificando-os. Abri uma janela e coloquei meu ventilador ao lado. Eu podia sentir o cheiro do estaleiro lá fora: carga velha, lixo e água salgada. Do outro lado dos trilhos, a baía se estendia como uma gigantesca mancha de óleo. Tão cedo pela manhã, apenas meia dúzia de faróis cortava a escuridão. Os barcos de pesca projetavam seus guinchos sobre as redes, e as primeiras barcas partiam do porto. A névoa se estendia de Bainbridge Island até a cidade, onde a chuva cessara e um trem de carga expressa projetava a sua sombra nos trilhos, correndo para o leste. Peguei meu relógio no parapeito da janela e atei-o ao pulso. Uso um Patek Philippe. Não parece grande coisa, mas continuará a marcar as horas corretamente muito tempo depois que todo mundo que conheci estiver morto e enterrado, os trens pararem de correr e a baía for erodida pelo mar.

Meu programa de criptografia emitiu um ruído. Concluído.

Cliquei na mensagem.

O endereço do remetente fora apagado devido aos muitos redirecionamentos, mas eu soube imediatamente quem era. Das trinta pessoas que possivelmente sabiam como entrar em contato comigo, apenas duas sabiam o nome que constava como destinatário naquela mensagem, e apenas uma estava viva com certeza.

Jack Delton.

Meu nome verdadeiro não é Jack. Também não é John, George, Robert, Michael ou Steven. Não é qualquer um dos nomes que aparecem em minhas carteiras de motorista e não consta de meus passaportes ou cartões de crédito. Meu nome real não está em lugar algum, exceto, talvez, em um diploma universitário e alguns boletins escolares

em minha caixa de depósito de segurança. Jack Delton era apenas um apelido e estava aposentado havia muito tempo. Eu o usara para um trabalho cinco anos antes e depois nunca mais. As palavras piscavam na tela ao lado de uma pequena etiqueta amarela, para mostrar que a mensagem era urgente.

Cliquei ali.

O e-mail era curto. Dizia: Por favor, telefone imediatamente.

Em seguida, lia-se um número de telefone com um código de área local.

Olhei para aquilo por um instante. Normalmente, quando recebo uma mensagem como aquela, nem mesmo considero discar o número. O código de área era o mesmo que o meu. Pensei nisso um segundo e cheguei a duas conclusões. Ou o remetente tinha uma sorte extraordinária ou sabia onde eu estava. Considerando o remetente, provavelmente era a segunda hipótese. Claro, havia algumas maneiras de conseguir aquilo, mas nenhuma teria sido fácil ou barata. Apenas a possibilidade de eu ter sido encontrado deveria ter sido suficiente para que eu fugisse. Tenho a política de nunca ligar para números que não conheço. Telefones são perigosos. É difícil rastrear um e-mail criptografado por meio de uma série de servidores anônimos. Mas rastrear alguém por seu telefone celular é fácil. Até mesmo a polícia comum pode rastrear um telefone, e a polícia comum não lida com sujeitos como eu. Sujeitos como eu recebem tratamento completo. FBI, Interpol, Serviço Secreto. Eles têm salas repletas de funcionários para esse tipo de coisa.

Olhei longa e fixamente para o nome piscando na tela. Jack.

Se o e-mail fosse de qualquer outra pessoa, eu já o teria excluído. Se o e-mail fosse de qualquer outra pessoa, eu estaria fechando a conta e apagando todas as minhas mensagens. Se o e-mail fosse de qualquer outra pessoa, eu estaria fritando os computadores, arrumando minha bolsa de mão e comprando uma passagem no próximo voo para a Rússia. Eu estaria longe em vinte minutos.

Mas não era de qualquer outra pessoa.

Apenas duas pessoas no mundo conheciam aquele nome.

Levantei-me e fui até a cômoda junto à janela. Afastei uma pilha de dinheiro e um bloco amarelo tamanho ofício repleto de notas. Quando não estou trabalhando, traduzo os clássicos. Puxei uma camisa branca

23

da gaveta, um paletó cinza de duas peças de dentro do armário e um coldre de couro da cômoda. Peguei um pequeno revólver cromado da caixa no topo: um Detective Special com o guarda-mato e o pino do cão raspados. Carreguei-o com um punhado de balas .38 de ponta oca. Quando estava vestido e pronto, retirei um velho telefone internacional pré-pago, liguei-o e digitei os números.

- O telefone nem sequer tocou. A conexão foi imediata.
- Sou eu.
- Você é um homem difícil de encontrar, Jack.
- O que você quer?
- Eu quero que venha ao meu clube disse Marcus. Antes que pergunte, saiba que ainda está me devendo.

**QUANDO UM ASSAÎTO** a um cassino em Atlantic City dá errado, Marcus Hayes, um importante chefe do crime internacional, não tem outra escolha a não ser convocar Jack. Especialista em consertar cenas de crime, o homem que ocasionalmente é chamado de Jack pode ser considerado um fantasma. Sua identidade é um completo mistério, e até mesmo sua verdadeira aparência é desconhecida. Um criminoso que só faz o que quer e com quem é quase impossível entrar em contato.

Em algumas horas, esse experiente solucionador de problemas será levado num jato particular de Seattle a Nova Jersey para resolver uma imensa confusão: encontrar um dos assaltantes do cassino que está desaparecido e recuperar a quantia de mais de um milhão de dólares que sumiu com ele.

Jack tem apenas 48 horas para desativar um artefato explosivo inserido nas cédulas antes que ele destrua todo o dinheiro. Como se isso não bastasse, o FBI ainda está monitorando de perto todos os seus passos.

Com um enredo imprevisível e uma trama envolvente, Roger Hobbs nos brinda com um romance que o coloca à altura dos mais conceituados autores de suspense.

"Hobbs prende nossa atenção não apenas pelas reviravoltas da história ou dos personagens, mas graças ao uso magistral dos detalhes e à poderosa e imperativa voz que empresta a Jack."

THE NEW YORK TIMES

"Um *thriller* pulsante."

ROLLING STONE

"Uma prosa precisa e doses de violência com um lirismo tocante."

The New York Times Book Review

